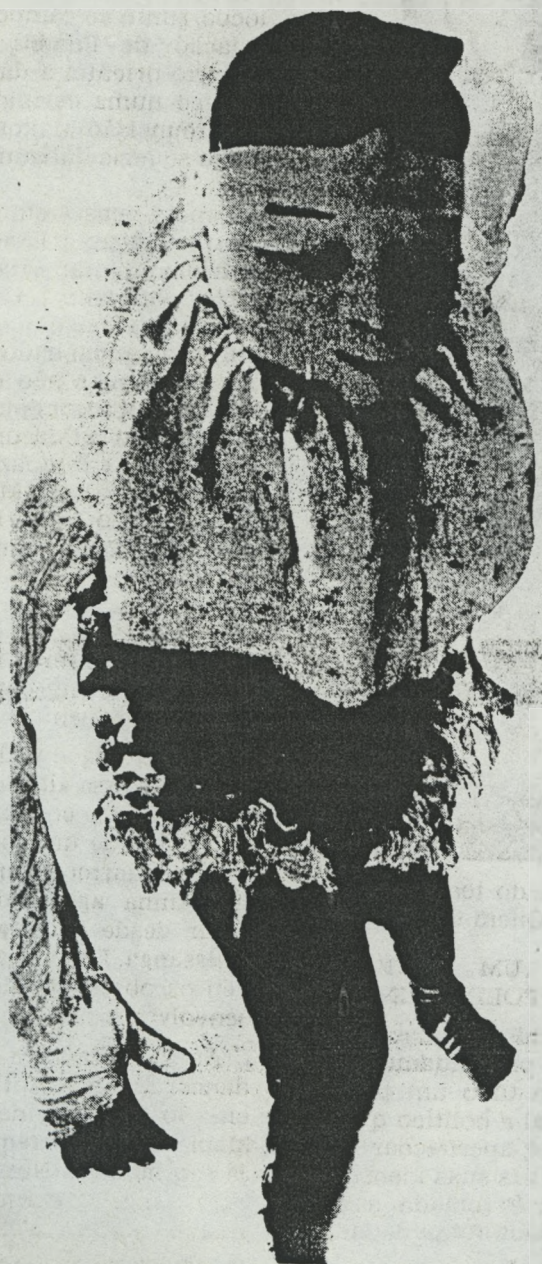


O GRUPO CULTURAL MAPICO-MODERNO



Recortadas contra o manto de luz da lua cheia, vão chegando as pessoas deste bairro suburbano de Pemba, engrossando a pequena fila de gente na bilheteira improvisada, 3\$50 na mão para um espectáculo que vale a pena. No centro das palhotas espalhadas pelo terreno vai ganhando vida o palco térreo circundado por uma vedação de lona; num dos cantos da vedação, uma árvore frondosa, projectando para amanhã a já multissecular relação entre a árvore e a dança, o homem, a sua arte e a natureza. Numa fogueira debaixo da árvore os tamboristas aquecem os tambores.

É noite de Mapico numa fusão de dança, câção e teatro.

Contra a vedação de fundo erguem-se 6 arcos, 2 metros de altura por 1 de largura, cobertos de lona a várias cores. Os arcos simbolizam entradas de casas. A frente de cada arco, excepto o do meio, há uma mesa com cadeiras. Em cima de cada mesa há um telefone de madeira e um candeeiro a petróleo. No interior de 5 dos 6 arcos há letreiros que indicam o posto representado pelos dançarinos que ocuparão as mesas: "administra-

dor de Mueda», «intendente», «governador de distrito», «telefonista dos correios», e «chefe da polícia de Macomia». A peça tem por título «governo colonial». Além destes elementos há o sipaio que passeia à frente das mesas, parando e imperpetuando-se no gesto mecânico da continência sempre que um dos homens da administração colonial faz a sua entrada em cena.

Cada actor dançarino entra separadamente ao som cadenciado dos tambores. As máscaras, as entoações das vozes, os movimentos do corpo, os gestos, tudo aponta as personagens ali representadas numa mistura de comédia e drama exemplarmente conseguida.

Em poucas palavras a história é a seguinte:

A administração colonial descobre que na região anda um homem a mobilizar o povo para aderir à FRELIMO. Segue-se uma série de telefonemas entre os vários personagens até que, a dada altura, a administração entra em pânico porque chegam notícias de que cada vez há mais gente a juntar-se à FRELIMO. Finalmente descobrem o tal homem e enviam o sipaio para o buscar. Na cena seguinte



entra o sipaio com um velho tão velho que precisa de bengala para se apoiar. Tratam de enchê-lo com palmatoadas; todos, desde o sipaio ao governador, percorrendo a hierarquia repressiva do colonialismo. O velho não confessa o que sabe e a peça termina com uma dança frenética simbolizando a libertação.

Em toda a peça há aspectos trágico-cômicos de grande força teatral como por exemplo quando o velho está a ser espancado e os da administração o tratam por «rapaz»

Os espectadores riem. Os espectadores lembram-se.

Estamos perante um tipo de teatro popular muito específico, muito

além do teatro rudimentar. Quem o faz?

UM GRUPO POLIVALENTE

A história deste grupo está profundamente ligada a todo um processo social e político que o levou a aperfeiçoar a estética das suas mensagens; a arte tomada a sério, tornada fonte de vida ao

ponto de o grupo viver exclusivamente das representações que faz pelas aldeias e cidades do norte. Luis Banguia, chefe do grupo, conta o passado, o presente e as aspirações do grupo:

«Tenho 35 anos de idade e sou camponês de Cabo Delgado. Quando era pequeno fui submetido à cerimónia de circuncisão Mapico.

Em 1970, em Alto Molocué, junto ao campo de aviação de Pemba, eu próprio orientei a dança Mapico numa cerimónia de circuncisão Makonde, como se fazia antigamente.

Depois pensei em formar um grupo. Era necessário um tamborista e vários dançarinos. Havia primeiro o amigo que me tinha acompanhado na cerimónia mas não quis continuar a tocar comigo e regressou a Macomia. Conhecia outro rapaz em Ngoune que tocava Mapico. Chamei-o para treinar mas não aguentou muito tempo. Sem tocador não podia ter grupo e os tocadores não queriam desenvolver a dança. Só queriam dançar como antigamente.

Foi então que pedi ao Che que nessa altura trabalhava como cozinheiro e mainato de um colono para actuarmos juntos. Che tinha aprendido a tocar desde criança em Quissanga. Ele compreendeu os objectivos de desenvolver a dança.

Arranjar rapazes para dançar também foi difícil. Só queriam dançar Mapico para dizerem que já são homens. Nessa altura ainda só conseguia ensinar como era a dan



ça antigamente. Os rapazes estavam sempre a mudar. Não podia desenvolver».

Lúis Banguia diz em seguida que em 1974 conseguiu arranjar um grupo de rapazes que ficaram mais tempo, dois quais estão ainda no

grupo. «Nesse ano fomos com as Forças Populares para a província de Nampula angariar fundos para as Forças Populares. (Esta actividade de angariação de fundos tem sido uma constante do grupo que fez o mesmo recentemente para o 1.º

Festival Nacional de Dança Popular).

Estivemos em Nampula, Angoche, Mossuril, Nacala Velha e Namapa antes da independência. Quando foi levantada a bandeira nacional actuámos em Nacala. Até 1976 continuámos a percorrer os distritos de Nampula sempre a angariar fundos».

A polivalência surge do próprio processo de modernização da dança Mapico. Banguia fala especificamente da última peça do grupo: «A representação do «governo colonial» nasceu no ano passado. Mas ainda não era o governo colonial. Vinha só um preso acompanhado por um sipaio. E dançávamos enquanto os outros tocavam. Depois começámos a ver que tinha que haver um administrador e um polícia. Eram eles que davam ordens ao sipaio. Depois pusemos o intendente e o governador. Estes é que eram os maiores exploradores. Hoje já temos esta dança muito desenvolvida. Durou muito tempo e trabalho. Pensava primeiro como havia de desenvolver. Vinha com as ideias e dizia aos rapazes o que tinhamos que fazer. Treinávamos no mato de madrugada até ao meio-dia. Ninguém deve ver os nossos treinos. Só quando a dança está mesmo boa é que as pessoas podem ver. As populações compreendem. Sabem que estamos a treinar mas não vão lá. Preferem ver tudo bonito aqui».

O grupo tem uma outra dança-teatro cujo tema é ele próprio um espelho da compreensão popular. «É a dança dos coxos que apanharam a

luta de libertação», diz Lúis Banguia. «Esta dança foi pensada e treinada em Meloco perto de Montepuez em 1974. Primeiro o pau era pequeno (a anda sobre a qual se movimentam os dançarinos) mas hoje está maior. Ainda está a crescer.

Temos muitas danças, danças de guerra, de machila, de chibalo. Já treinamos mas não temos material para podermos apresentar. Faltam roupas e instrumentos próprios.

As roupas são mandadas fazer por encomenda nos alfaiates. Vou lá e explico como é que eles têm de fazer. Tentamos fazer calças modernas mas não servem. O modelo antigo de calça-Mapico é que é bom. O único problema é que demoramos muito tempo para vestirmos. Talvez vamos experimentar pôr fechos de correr.

As máscaras são feitas por um familiar meu que é escultor de Napululo em Montepuez. Estive lá duas semanas para ele fazer as máscaras que nós precisamos».

Ao interiorizarmos a realidade deste grupo saído exclusivamente da criatividade popular ocorrem-nos uma ideia: neste momento estrutura-se o Partido; quando as brigadas vão aos locais de trabalho porque não serem acompanhadas por grupos culturais deste género?

E na nossa memória ecoam ainda dois versos de uma das canções do grupo Mapico-Moderno:

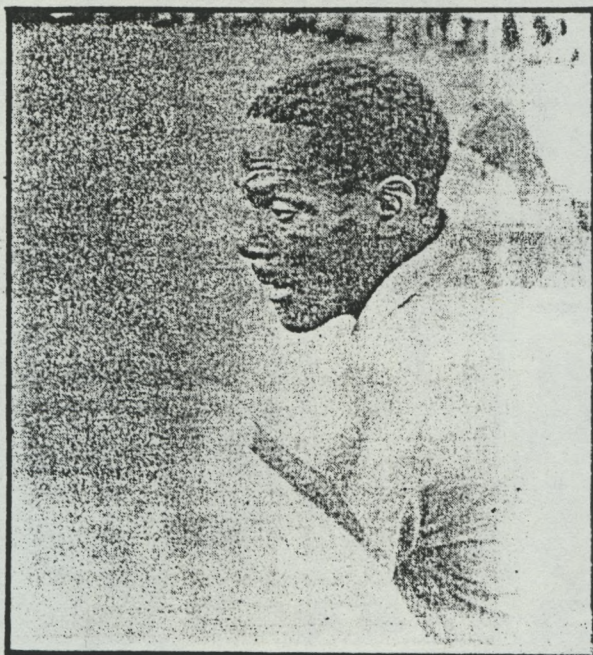
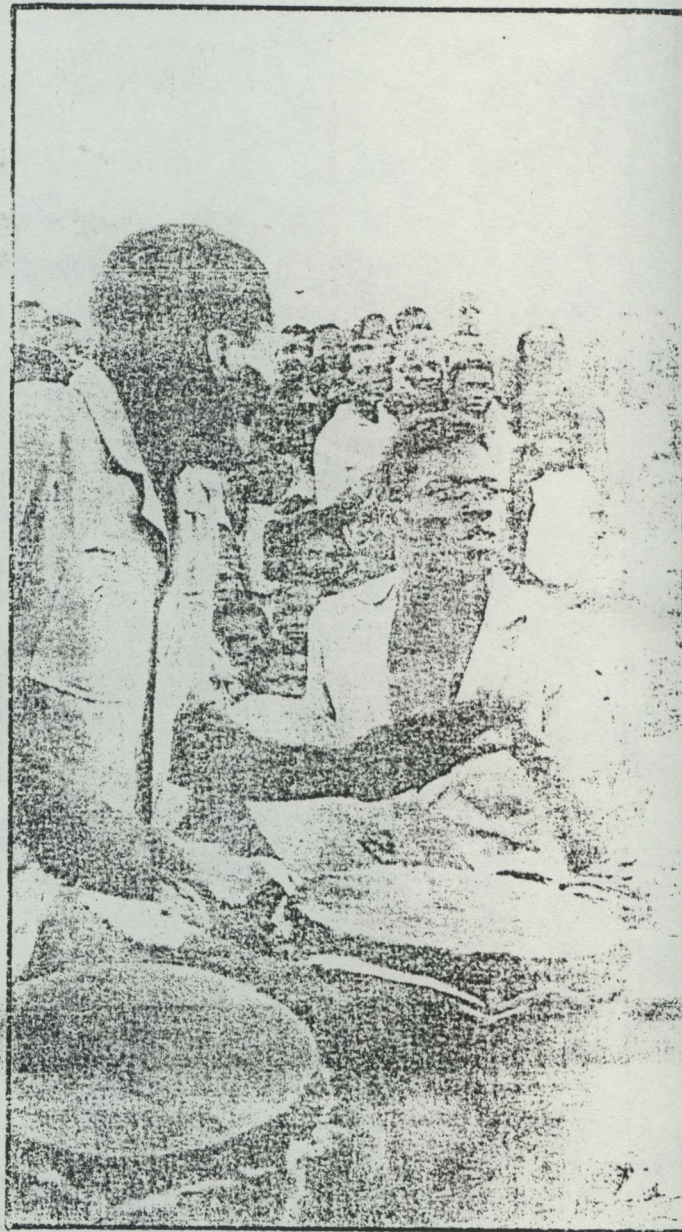
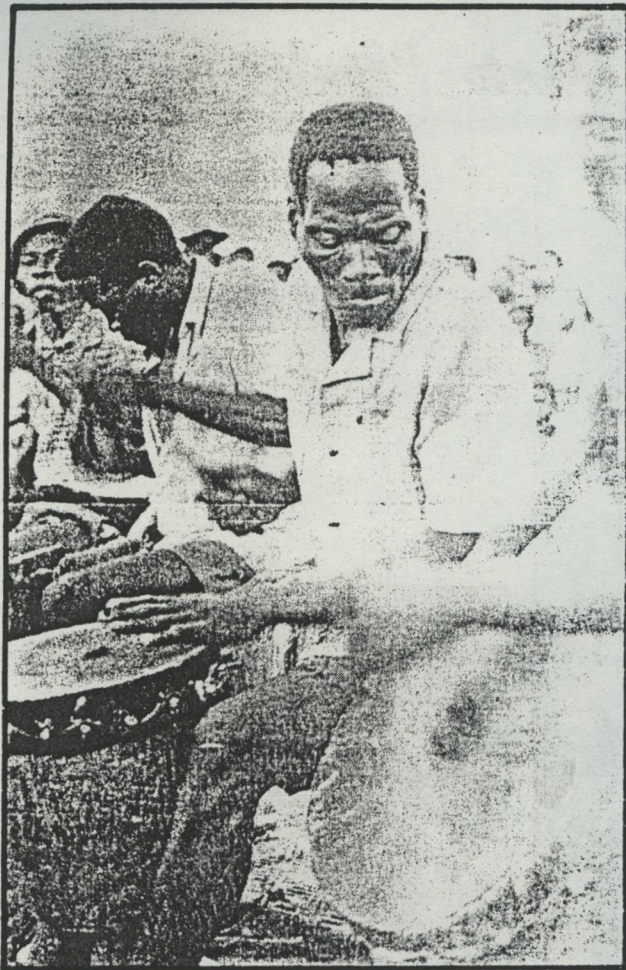
«Informem o Smith para queimar a roupa dele».

(recolha de Paulo Soares)

TAMBOR



Caras e corpos de Cabo Delgado debruçados sobre os tambores...



cuja origem se perde nos séculos do tempo

1.º Festival Nacional de Dança Popular

